

Apenas por um dia

(Sassenach)

*"We're nothing, and nothing will help us
Maybe we're lying, then you better not stay
But we could be safer, just for one day"*

João Pedro não conseguia entender por que estava se sentindo tão estranho. Ele nunca havia sentido nada parecido com aquilo. A pergunta que lhe fora dirigida era bastante simples. *Você tem um cigarro?* Mas o tom da voz era algo intenso; um sotaque do sudeste que soava tão diferente do seu. E o sorriso. O sorriso era o pior. Enigmático, como se quisesse dizer muito mais do que aquelas quatro palavras transmitiam. Aliás, tudo que Theo dizia parecia ter um significado oculto. Como não conseguia articular uma palavra sequer, ele balançou a cabeça. Ele não tinha um cigarro, nem fumava, mas talvez considerasse começar, se isso o tornasse mais próximo de Theo. Era inacreditável que, há menos de um ano, nem ao menos conhecesse Theo, e agora parecia que não havia nada que ele lhe pedisse que pudesse dizer não. Sentindo um nó na garganta, abaixou a cabeça e ficou procurando alguma coisa com que se ocupar. Não podia olhar para o amigo naquele momento, tinha medo de que, se o encarasse agora, Theo fosse capaz de ler seus pensamentos. Sabia que não podia ter aquele tipo de pensamento; além de errado, era imoral. Theo o odiaria; seus pais morreriam de desgosto; ele seria apontando na rua, julgado e ridicularizado. Não, nunca poderia fazer nada que deixasse transparecer como se sentia.

— JP? — a voz de Theo o trouxe de volta para a realidade. — E se a gente matasse essa aula e fosse ao cinema?

— Você não está falando sério — João Pedro respondeu, enquanto já ia se levantando e sacudindo a poeira da calça.

— Sexta-feira, a gente já estudou a semana inteira.

— Não sei como é na sua casa, mas na minha, meu pai me mata se eu fugir da escola.

— Ele não precisa ficar sabendo.

— Ele sempre sabe de tudo. — Por mais que a proposta fosse tentadora, não queria nem pensar no que aconteceria se estivesse de bobeira pelo centro e seu pai aparecesse, o que não era tão improvável, já que era filho do delegado da cidade.

— Você é muito certinho, JP.

Não era a primeira vez que Theo debochava de seu jeito "certinho", mas João Pedro não se importava. Ou melhor, não se importava muito. Ficava um pouco encabulado, sentindo-se um pouco infantil demais, porém, não era como se pudesse argumentar contra aquela acusação. Comparado ao próprio Theo, ele era mesmo certinho. Não que Theo fosse algum delinquente, mas ele tinha um quê de rebeldia e revolta contra as regras do sistema. Ele nunca aceitava nada sem questionar, especialmente se fosse algo que ele julgava como uma injustiça ou alguma ordem arbitrária. Seu pai o considerava uma má influência e se não proibira a amizade era unicamente porque nutria algum respeito pelo pai de Theo.

Depois de conseguir dissuadir Theo de matar as últimas aulas do dia, João Pedro concordou em fazer alguma coisa divertida no fim de semana, o que às vezes poderia ser apenas ficar em casa e assistir a algum filme de Goddard ou ouvir os

discos de David Bowie. Eles eram praticamente inseparáveis. Theo não era seu único amigo, mas certamente era aquele com quem tinha mais intimidade. A amizade entre eles tinha começado de forma natural quando Theo se mudara com os pais no começo do ano. Mesmo sendo novato na cidade e na escola, ele não tivera dificuldade em se enturmar; ele era simpático, desinibido e tinha pinta de galã de cinema, embora os mais velhos vissem com desconfiança seus cabelos compridos e o brinco na orelha. Como moravam a apenas algumas ruas de distância um do outro, geralmente se encontravam a caminho da escola ou na volta para casa. Volta essa que foi se tornando cada vez mais demorada à medida que as conversas iam ficando mais longas e mais complexas.

João Pedro não era muito de falar, achava que tinha até certa dificuldade em se expressar, mas gostava de ouvir, e gostava especialmente de ouvir Theo. As conversas com ele nunca eram chatas, apesar de, às vezes, fazerem-no se sentir um pouco aquém no quesito inteligência. Porque Theo lhe parecia a pessoa mais inteligente do mundo; ele gostava de cinema francês, de literatura e até de filosofia. Ele não gostava da rigidez das regras da escola, de cumprir horário e usar uniforme, mas era apaixonado por aprender e devorava livro atrás de livro, e com a mesma desenvoltura com que sugeria que fugissem da escola para fumar escondido, também recomendava os poemas de As Flores do Mal de Baudelaire. Ele adorava discutir questões existenciais e vivia usando palavras difíceis, como idiossincrasia, inextricável ou paradoxo.

— Paradoxo não é uma palavra difícil — Theo disse.

— Pra você nada é difícil, você é um gênio. — Enquanto João Pedro estava um pouco emburrado, Theo deu uma risada.

— Acho que você tá exagerando um pouco. Gênio? Tá louco.

João Pedro apenas resmungou que modéstia não combinava com Theo e retornou a atenção ao livro de língua portuguesa, mas seu cérebro não conseguia ver sentido nas figuras de linguagem.

— Mas acho que já estudamos muito por hoje — Theo declarou, fechando o livro, embora fizesse menos de meia hora que haviam se sentado no chão da sala para estudar. Ele se levantou, foi até a estante e escolheu um disco para botar na vitrola. Ao retornar, estava cantarolando Cálice, de Chico Buarque.

— Você é mesmo uma má influência, sabia? A gente tem prova na semana que vem.

— Provas não significam nada, é apenas uma maneira deles nos controlar. — João Pedro abriu a boca para perguntar quem eram eles exatamente, mas antes que ele pudesse falar, o pai de Theo entrou na sala.

— Ah, você ainda está aqui — dr. Leandro disse e João Pedro pensou que era consigo, mas logo percebeu pai e filho trocando olhares pouco amigáveis. — Estou surpreso, você parecia bastante decidido a ir embora.

— Não amola, velho, eu tô estudando.

João Pedro prendeu a respiração. Com certeza se falasse com o seu pai naquele tom, a próxima coisa que aconteceria seria uma mão espalmada em seu rosto. Mas aparentemente dr. Leandro era uma pessoa bem mais controlada, pois ele apenas deu uma olhada desconfiada para a vitrola e, depois de pegar um livro na estante e dizer ao filho que eles ainda iriam conversar, saiu e os deixou sozinhos novamente.

— O que aconteceu?

— A gente discutiu.

— Mas ele parece tão... tranquilo.

— Ele quer controlar minha vida, fica me tratando feito criança, acha que pode mandar em mim.

— Ele é seu pai, meio que pode, né? — Se para João Pedro obedecer ao pai e à mãe era uma questão indiscutível, para Theo a ideia parecia absurda.

— Eu sou um indivíduo com vontade própria, não uma marionete. Ele não pode ignorar minha individualidade e querer que eu me encaixe em um determinado padrão só porque é confortável pra ele.

João Pedro até conseguia entender o ponto de vista de Theo, mas aquele tipo de expectativa não era uma particularidade do pai dele. Todos os pais esperavam algo dos filhos, normalmente eles queriam o melhor.

— O problema é que ele não me entende, nem se esforça pra entender. Se o meu avô estivesse vivo, ele entenderia.

— O que exatamente seu pai não entende? — A pergunta pareceu pegar Theo de surpresa, porque ele balançou a cabeça e ficou um instante em silêncio.

— Que eu não quero fazer faculdade de medicina, entre outras coisas.

Eram essas outras coisas que João Pedro gostaria de saber. Às vezes, acreditava que já o conhecia por inteiro, mas havia momentos em que podia perceber algumas lacunas. Porém, não insistiu para que o amigo falasse. Talvez Theo tivesse algum segredo que não conseguia compartilhar.

— Bom, eu já vou indo — disse e começou a guardar os livros na mochila.

— Já? Mas ainda é cedo. Não esquenta com o meu pai, ele não vai incomodar a gente.

— Não, é que eu marquei um futebol com o pessoal.

— Ah, ok. — Theo se levantou e foi trocar o disco. — Por que você nunca me chama pra jogar futebol? — ele perguntou, ainda de costas, enquanto procurava um disco na estante.

— Você não gosta de futebol — João Pedro respondeu o que ele considerava uma questão óbvia.

— Gosto sim. Sei toda a escalação da seleção de 70.

Saber decorado o nome dos jogadores não significava que Theo soubesse jogar, João Pedro sabia disso muito bem; durante as aulas de educação física ele passava mais tempo reclamando do que jogando. Theo era ótimo em várias coisas, mas esportes não eram seu forte. Mesmo assim, João Pedro se viu assentindo.

— Tudo bem, se você quiser ir.

— Ok, eu vou me trocar, então.

Depois de esperar por alguns minutos, viu Theo entrar na sala quase correndo. Ele estava vestindo um calção preto e uma camiseta da seleção brasileira com o número 10 nas costas. A roupa parecia nunca ter sido usada antes. João Pedro gostou da sensação de vê-lo se esforçando apenas para passar mais tempo consigo, talvez não fosse o único a se sentir bem na companhia do melhor amigo.

— Bora nessa? — Theo disse, já se encaminhando para a porta.

— Onde o senhor pensa que vai com essa pressa toda? — Os pais dele tinham entrado na sala ao ouvirem os passos apressados do filho; eles ficaram olhando para Theo com uma expressão que parecia ao mesmo tempo de surpresa e desconfiança.

— Jogar bola com o pessoal — Theo respondeu, despreocupado.

Os pais se entreolharam; a mãe de sobrelha arqueada, o pai de boca aberta. João Pedro pensou que eles talvez fossem falar alguma coisa, talvez proibir Theo de sair, afinal, ele tinha havia discutido com o pai. No entanto, dr. Leandro assentiu, enquanto coçava um pouco a barba, e Sandra recomendou ao filho que voltasse a tempo do jantar.

— Bora, JP.

Entre o pessoal do futebol estavam dois garotos da turma deles na escola, e outros rapazes mais velhos da cidade, inclusive Luizinho, o noivo da irmã de João Pedro, que era uma espécie de líder do grupo. A princípio ninguém reclamou da presença de Theo, mas logo nos quinze primeiros minutos de jogo, o clima começou a ficar pesado.

Dizer que Theo jogava mal seria um elogio. Além de cometer muitas faltas tentando roubar a bola do adversário, ele tendia a ficar no meio dos próprios companheiros de time e atrapalhá-los em suas jogadas. A gota d'água foi quando ele interceptou um chute de Luizinho que ia direto para o gol.

— Você é do meu time, idiota! — Luizinho disparou, ao que Theo apenas deu de ombros. — Porra, João Pedro, que ideia de merda foi essa sua de trazer sua namorada pra jogar?

Enquanto os outros rapazes riam, João Pedro, que mal teve tempo de processar direito o que Luizinho havia dito, viu Theo partir para cima e dar um empurrão nele.

— Tá ficando maluco, porra?

— Repete o que você falou — Theo desafiou, e Luizinho, que era um sujeito bastante marrento, estufou o peito.

— Oh, oh, segura sua namorada que ela tá nervosinha.

O sorriso debochado de Luizinho morreu quando o punho cerrado de Theo o acertou no queixo. Logo a confusão aumentou. Luizinho revidou o soco, mas recebeu um contragolpe que o atirou ao chão e o deixou com o lábio sangrando. Os dois ainda trocaram alguns golpes antes que alguém conseguisse intervir. Enquanto um dos colegas segurava Luizinho, João Pedro se colocou na frente de Theo, tentando afastá-lo.

— Para, Theo, para.

— Vaza daqui, otário — Luizinho gritou, tentando se desvencilhar do amigo que o segurava.

— Vambora, cara. — João Pedro tocou no braço de Theo, como se quisesse puxá-lo, mas ele o repeliu quase com violência. Theo o encarou por alguns segundos, as narinas dilatadas e a respiração acelerada, depois balançou a cabeça e deu as costas ao grupo.

— Esse bicho é maluco.

— Ele não é bom do juízo.

— Um veado, isso sim.

João ficou paralisado, ouvindo enquanto os outros faziam vários comentários sobre Theo. Queria ir atrás dele, mas o que os outros diriam? Estava um pouco assustado; embora soubesse que Theo tinha um temperamento um pouco explosivo, nunca o vira agir de forma tão violenta. Mas aquele momento apenas confirmou o que já sabia: nunca, jamais poderia falar sobre seus sentimentos por ele.

Enquanto os outros rapazes retomaram a partida de futebol, João Pedro foi se afastando. Ainda ouviu alguém dizer para ele continuar, mas preferiu correr para casa e tentar colocar a cabeça no lugar.

À noite, quando sua mãe o chamou para jantar, encontrou Luizinho sentado à mesa, com o lábio inchado, contando à sua família o que havia acontecido.

— Você não acha que tá muito velho pra ficar brigando na rua não, Luiz? — Ouviu seu pai dizer, em tom de reprovação. Luizinho não se intimidou.

— O moleque me atacou primeiro.

— Ele atacou você do nada?

João Pedro sentiu um nó na garganta quando Luizinho olhou para ele e deu um de seus risinhos debochados. Se ele contasse o que havia acontecido de verdade, seu pai o acabaria culpando, de alguma forma.

— Eu só falei uma brincadeira, uma bobagem, ele ficou nervosinho à toa. Não foi, JP? — João Pedro engoliu em seco. Apenas Theo o chamava de JP, pelo simples motivo que seu pai detestava apelidos. Encarou seu futuro cunhado e, por um instante, entendeu a reação de Theo. Luizinho merecia um soco na cara.

— Já falei que você não devia andar com aquele rapaz. O dr. Leandro e a esposa parecem gente de bem, mas aquele filho deles... Mas você não me escuta, faz de conta que é uma porta falando.

João Pedro continuou calado enquanto seu pai listava todos os seus erros, que eram muitos, já que até o modo como o filho respirava era errado. Não podia evitar sentir um pouco de inveja de Theo, que tinha coragem de confrontar o pai e exigir que ele respeitasse sua individualidade, ainda que isso não acontecesse na prática. Mas ele nunca seria capaz de levantar a voz para o pai.

Na segunda-feira, quando ia para a escola, Theo o estava esperando no mesmo lugar de sempre. Vê-lo ali, encostado ao poste, com a mochila pendurada no ombro, foi um alívio enorme. Tinha pensado que, talvez, as coisas fossem mudar entre eles depois do desastroso futebol.

— Eu queria pedir desculpa por... — Theo deu de ombros, como se a razão para o pedido de desculpas fosse tão óbvia que dispensava ser mencionado. João Pedro assentiu.

— Tá tudo bem.

— Normalmente eu sou contra o recurso à violência, mas...

— O Luizinho provocou.

— Sim, ele provocou. — Andaram em silêncio por alguns instantes, até que Theo voltou a falar. — Eu espero que você ainda queira ser meu amigo.

João Pedro se apressou a balançar a cabeça enfaticamente.

— Entendo por que você... enfim, o Luizinho mereceu — disse, ainda estava chateado com o futuro cunhado, afinal, foi por culpa dele que tinha sido obrigado a ouvir um sermão do pai. — Mas talvez você não deva voltar a jogar futebol. — Theo riu.

— Não estava planejando.

Já estavam no portão da escola; João Pedro parou e apontou o olho roxo do amigo.

— O que você disse aos seus pais?

— A verdade. Bom, mais ou menos. Ele fez um sermão daqueles bem chatos e me proibiu de sair de casa. Meu pai é muito careta.

— Ele é até suave — João Pedro disse, pensando que se ele brigasse com alguém na rua, provavelmente apanharia o dobro em casa.

Estar com Theo era a melhor parte de seu dia. Não que tivesse uma vida ruim, mas estava constantemente sob a pressão de atender às expectativas dos pais. Quase todos os dias era lembrado de procurar alguma coisa útil para fazer da vida. Ele estava se esforçando, precisava terminar o segundo grau, e no próximo ano tentaria ingressar na escola de formação de cadetes do exército, como seu pai tanto queria. Quando estava com Theo, sentia-se muito mais leve, como se não precisasse se preocupar em compor um personagem.

Além de se encontrarem na escola, quase todos os dias se encontravam depois; geralmente ficavam na casa de Theo. Era lá que ficava a biblioteca que Theo herdara do avô, centenas de livros e discos que ele parecia disposto a fazer João

Pedro conhecer. Estava sentado no chão, escorado no sofá, lendo O Sofrimento do Jovem Werther, que era o livro preferido de Theo. Na vitrola, a voz de Elis Regina entoava O bêbado e a equilibrista. Theo veio se sentar à sua frente, de pernas cruzadas.

— Tem uma coisa que eu queria te falar — ele disse, mordendo um cantinho da unha; parecia sério, o que não era normal. João Pedro fechou o livro.

— Ok.

— Hm... — Ele fechou os olhos por um instante, balançou a cabeça e respirou fundo. — Minha mãe está grávida — disse, finalmente. Não era o que João Pedro estava esperando.

— Oh! Ela não é... ahm...?

— Velha demais pra ter outro filho? — João Pedro encolheu os ombros e Theo deu uma risada. — Bom, na verdade, ela me teve com vinte anos, então, não é tão velha assim. Mas é um meio nojento pensar nos meus pais fazendo... você sabe... — Fez uma careta de nojo.

— Você vai ter um irmão. Ou irmã. — Theo assentiu. — Você não tá com ciúmes, né?

— Ciúmes? Hm, não, não. Acho que eu tô mais aliviado. Acho que vai ser bom ter alguém com quem dividir, enfim, meus pais não vão ter só decepção.

Theo parou de falar, inspirou e soltou o ar lentamente, e quando ele ergueu os olhos e o encarou, João Pedro sabia que havia mais alguma coisa que ele queria dizer. Talvez fosse a primeira vez que o via sem palavras. Sentiu o coração acelerado quando ele colocou a mão sobre a sua e se aproximou. De repente, os lábios dele estavam tocando os seus. A princípio, não conseguiu reagir, mas logo se deixou levar pelo momento; a mão dele em sua nunca, a língua buscando a sua e o calor que percorria todo o seu corpo, era como se só naquele instante estivesse experimentando o que era estar vivo de verdade.

Infelizmente, a sensação não durou mais do que alguns segundos e João Pedro foi arrastado de volta à realidade. Quando eles se separaram, interrompendo o beijo, não foi capaz de olhar para Theo; levantou-se o mais rápido que pôde, sentindo as pernas trêmulas, tropeçou numa cadeira, se atrapalhou com a maçaneta da porta antes de sair. Assim que pisou na rua, começou a correr.

Quando entrou em casa, com a respiração ofegante e o coração na garganta, encontrou a mãe sentada na sala, trabalhando em um bordado.

— O que foi que aconteceu, menino? Viu alma?

— O ca... cachorro da dona Antônia me perseguiu — disse a primeira coisa que veio à cabeça; o cachorro da vizinha tinha o costume de correr atrás das pessoas que passavam pela calçada.

— Ele te mordeu?

— Não, não. — Depois de se certificar de que ele não tinha se machucado, sua mãe até riu da situação.

— Quer uma aguinha com açúcar? Você tá meio nervoso.

— Não, tô bem. Eu vou, ahm, pro quarto.

— Tudo bem. Estou só esperando seu pai chegar pra servir o jantar.

Foi para o quarto, deitou-se de costas na cama e tentou se acalmar, mas a lembrança de Theo não permitiu que seu coração desacelerasse. Quantas vezes havia sonhado com aquilo? Quantas vezes havia imaginado o gosto dos lábios dele, como seria tocá-lo? Não deveria ter saído correndo daquela maneira, Theo pensaria que ele havia odiado o beijo. Mas o que mais poderia ter feito? Ainda estava perdido no redemoinho de sensações quando sua irmã bateu à porta e o chamou para jantar.

Não sentia fome, apenas um frio na barriga, porém, se viu obrigado a sentar-se à mesa e ficar remexendo a comida no prato até que pudesse sair sem que ninguém percebesse nada de estranho.

Ainda teve que se sentar na sala enquanto os pais e a irmã assistiam ao jornal. Estava tão perdido nos pensamentos, sem prestar nenhuma atenção à televisão, que teve um susto quando a campainha tocou. Sua mãe fez menção de se levantar, mas ele foi mais rápido.

— Pode deixar, mãe. — Foi abrir a porta e foi surpreendido com a presença de Theo. Olhou para trás, satisfeito por sua família estar envolvida com as notícias na TV. — Podemos conversar? — Theo perguntou.

Em vez de convidá-lo para entrar, João Pedro saiu, fechando a porta atrás de si.

— Você esqueceu seu casaco — disse Theo. João Pedro pegou o casaco, ainda de cabeça baixa.

— Não precisava ter vindo só por isso.

— Também queria pedir desculpas por... eu não devia... não queria te assustar.

João Pedro balançou a cabeça, primeiro concordando, depois negando. Não sabia o que dizer. Duvidando da firmeza das pernas, achou melhor se sentar no batente.

— Não foi uma brincadeira sua pra rir de mim? — perguntou, depois de alguns instantes. Essa parecia ser a explicação mais plausível.

— O quê? Não. Claro que não, JP. Eu... sempre quis fazer isso. Não sabia se podia, se você aceitaria ou me encheria de porrada.

— Como você soube? — João Pedro perguntou, quase sussurrando, temendo que alguém além de Theo pudesse ouvi-lo. Theo sorriu e deu de ombros.

— Não sei, eu só... pude sentir. Você não é como os outros garotos. Você é gentil, doce. E seus olhos... oh, seus olhos dizem tanta coisa.

João Pedro cobriu o rosto com as mãos e balançou a cabeça. Tanto esforço para esconder os sentimentos e fora traído pelos próprios olhos? E se Theo podia ler o que eles diziam, outras pessoas também seriam capazes de adivinhar?

— Não precisa ficar assim — Theo falou e João Pedro voltou a olhar para ele. — Quer dizer, hm, imagino como você pode estar se sentindo, mas não precisa ter medo. As coisas podem continuar sendo platônicas, se você se sentir melhor assim.

Mas nada voltaria a ser como antes, não depois daquele primeiro beijo. Não foi à toa que Adão e Eva foram expulsos do paraíso depois de provar do fruto proibido. João Pedro contava os minutos para que pudessem estar sozinhos, e cada vez eles pareciam mais insuficientes para satisfazer toda curiosidade e desejo que sentiam.

— Onde você aprendeu...? — João Pedro enterrou a cabeça no pescoço de Theo, sentindo-se um pouco envergonhado, o que só piorou quando Theo deu uma risada e o beijou na testa.

— Acho que a gente só aprende fazendo, JP.

— Hm... você já fez outras vezes...

— Não, não. Só com você.

Sentindo os dedos de Theo entre seus cabelos, e a respiração suave dele, João Pedro fechou os olhos. Poderiam ficar para sempre ali naquele abraço. Porém, o futuro era inevitável.

— Acho que eu tenho que ir.

— Não, nunca vou deixar você ir embora. Nunca mais. — Num movimento rápido, Theo se virou, ficando por cima dele e o beijou.

— Theo, seus pais podem chegar.

— Eles não vão chegar antes de anoitecer. Além disso, não me importo. — Theo parecia tranquilo, mas a ideia de alguém surpreendê-los era apavorante para João Pedro.

— Seus pais sabem? — Theo deu de ombros. — E eles aceitam?

— Aceitar não é bem a palavra, mas eles toleram. — João Pedro não deve ter escondido o pavor em seu rosto, porque Theo o beijou novamente e tentou acalmá-lo. — Eles não sabem sobre nós.

Mas isso era ridículo. Eles viviam juntos, se os pais dele sabiam sobre Theo, não seria difícil deduzir o que eles faziam quando estavam sozinhos. A simples ideia de alguém saber era o bastante para fazê-lo tremer.

— JP, tá tudo bem.

— Não, cara, não tá tudo bem. Se alguém souber... meu pai me mata, e eu não tô nem usando uma figura de linguagem.

— Ninguém vai saber, eu prometo. — João Pedro assentiu, incerto. — Nós podemos ir embora. Ir pra uma cidade grande, tipo São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Iorque.

— Nova Iorque? — João Pedro deixou escapar um riso estrangulado. Às vezes, as diferenças entre eles eram palpáveis. Ele nunca havia sequer saído de sua cidade natal, Nova Iorque era uma abstração, algo que só existia nos filmes.

— Nas cidades grandes as pessoas têm a mente mais aberta, ninguém se importa com o que você faz.

— Theo. — Enquanto Theo falava de como eles poderiam viajar pelo mundo, conhecer lugares fantásticos e não precisar esconder o que sentiam, João Pedro sentia o pânico crescer em seu peito. Ele o afastou, se levantou e procurou as roupas. Seu futuro era o exército, uma vida regida por regras e hierarquia.

— Você não precisa fazer o que seu pai quer. E você não tem que ir pro exército, eles vão te destruir, JP.

— Você não entende, meu pai nunca me aceitaria.

— Ele não merece que você sacrifique sua vida. Você quer viver assim pra sempre? Sempre mentindo, sempre se escondendo, como se estivesse fazendo algo errado? Como se você fosse errado?

Mas aquilo era demais. João Pedro não podia lidar com toda aquela pressão naquele momento. Parecia que ele teria que escolher entre ficar com Theo ou sua família e o futuro que eles tinham planejado para si. Mas não era justo que tivesse que tomar uma decisão tão importante quando ainda era tão jovem e sabia tão pouco sobre a vida. Não era justo que ele tivesse que fazer uma escolha.

— Desculpa, Theo, eu tenho que... preciso... — Theo não insistiu para que ele ficasse.

Depois desse dia, a discussão sobre o futuro sempre acabava voltando de alguma forma. Theo não chegava a pressioná-lo para que fossem embora da cidade, mas também não escondia o quanto detestava a possibilidade de ele entrar para o exército. Sabia que Theo odiava o exército. Os milicos, como ele chamava, tinham sido responsáveis pela morte de seu avô, que havia sido preso, alguns anos antes, acusado de ações subversivas; apesar de não ter assassinado pelas forças do governo militar, como tantas outras pessoas, a saúde dele havia se deteriorado após a prisão.

— Ele era professor de História, a única coisa errada que ele fez foi ensinar história.

Mas não era só isso. Theo também achava que João Pedro não tinha o perfil para ser um militar. Ele era gentil demais, talvez bom demais. Porém, o que poderia

fazer, se não seguisse os planos do pai? Toda sua vida tinha sido baseada no que seu pai queria que ele fizesse, quando pensava bem, nem sabia se havia algo que ele quisesse por si mesmo. Theo dizia que ele poderia fazer qualquer coisa, que descobria, com o tempo, algo de que ele gostasse.

Assim, sua vida era dividida em momentos que passava com Theo, quando sentia uma certa completude, onde não havia medo, apenas a sensação de amar e ser amado; e a angústia da incerteza do que o futuro reservava para eles, o medo de serem descobertos e a fatalidade da verdade de não poderem ficar propriamente juntos como duas pessoas que se amam.

Haviam passado a tarde no parque e se divertido bastante, mas uma nuvem de tristeza pairava sobre eles. Tinham visto tantos casais juntos no parque, andando de mãos dadas, tomando sorvete; tinham visto Luizinho ganhar um urso de pelúcia para Joana no tiro ao alvo e beijá-la na frente de todo mundo. Era tão injusto que todo casal pudesse demonstrar afeto e eles não pudessem nem sequer ir juntos na roda gigante para não levantar suspeitas.

— Tem um quê de Shakespeare nessa história. Você sabe, amor proibido e tal.

— Shakespeare geralmente é tragédia, né?

— Pode ser comédia também.

Mas não havia nada de cômico naquela história. Os dois caminharam em silêncio por alguns instantes. Já estavam próximos de casa; ainda era cedo, mas a rua estava deserta, a cidade em peso ainda estava no parque. De repente, sentiu a mão de Theo segurando a sua.

— Você tá ficando maluco? — Tentou soltar a mão, mas Theo a apertou um pouco mais.

— E você sabe como é passar esse tempo todo com você e não poder te tocar?

João Pedro sabia, por isso relaxou um pouco e se permitiu sentir o calor da mão de Theo na sua. Caminharam de mãos dadas por alguns metros, sempre atentos aos arredores para se certificar que não havia ninguém na rua. Estavam a menos de trezentos metros de sua casa, quando Theo parou.

— Posso te beijar? Só um beijo.

Em vez de responder, João Pedro se aproximou, colocou uma mão na cintura de Theo, a outra na nuca e o beijou. Num instante, tinha as costas contra o muro, as mãos de Theo por baixo de sua camiseta, os lábios dele em seu pescoço. Fechou os olhos e se deixou conduzir, a sensação de proibido parecia ainda mais estimulante.

Quando abriu os olhos, porém, foi como se tivesse levado um soco no estômago. A claridade dos faróis de um carro que vinha lentamente pela rua doía em seus olhos; Theo se afastou no mesmo momento em que a luz diminuiu; só conseguiu ver a silhueta do motorista, mas a traseira do carro era inconfundível.

— Oh Deus, meu Deus, o que eu vou fazer?

— Calma, calma. — Theo tentou, mas ele não ia se acalmar. Seu estômago se revirava tanto que ele pensou que ia vomitar. — Talvez ele não tenha te reconhecido.

João Pedro não tinha essa ilusão. Tentou adiar o máximo que pôde a hora de voltar para casa, mas era inútil, não havia lugar para onde pudesse fugir. Theo chegou a sugerir ir junto, o que certamente pioraria a situação. Caminharam os poucos metros até sua casa; a viatura estava estacionada na frente, claro. Esperou na calçada até que Theo desaparecesse rua abaixo antes de entrar.

Seu pai estava sentado na poltrona, tinha tirado o paletó e segurava o cinto no colo. Não tentou conversar ou se explicar, apenas baixou os olhos e foi para o quarto. Não demorou um minuto, ouviu os passos do pai no corredor, em seguida, a porta bateu.

— Vem aqui.

João Pedro balançou a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não — balbuciou.

— Vem aqui que eu estou mandando. — Como ele não se moveu, seu pai cruzou o quarto e o agarrou pelo braço, fazendo-o se desequilibrar e cair sobre a cama. Só teve tempo de cobrir o rosto antes de receber o primeiro golpe.

Não era a primeira vez que apanhava do pai. De certa forma, aquele tipo de punição estava presente desde sua infância; para seu pai, era uma forma de educar. Mas a violência com que o braço do seu pai subia e descia não era algo que já tivesse visto antes.

Sabia que poderia se defender. Tinha a mesma altura do pai e, apesar de não ter o mesmo porte físico, tinha a juventude a seu favor. Mas era como se uma parte de si achasse que merecia ser punido. Por ter sido descuidado, por não ter conseguido suprimir os sentimentos.

Em algum momento, pensou que talvez fosse melhor que perdesse a consciência; mas ficou acordado o tempo todo. Além da dor, sentia-se tão humilhado. Não soube o que fez seu pai considerar o castigo suficiente, só esperou e o próximo golpe não veio. Depois ouviu os passos do pai se afastando, sua mãe perguntou o que havia acontecido e ele gritou que ela não se metesse; então ouviu a porta da frente bater o motor do carro.

Ele não se levantou da cama. Ficou ali, encolhido. Não queria ver como estavam suas costas, não queria se olhar no espelho e ver seus olhos inchados. Queria poder fechar os olhos e se transportar para outro mundo, outra realidade.

Acabou adormecendo e sonhando um sonho confuso, onde ele e Theo estavam perdidos numa floresta, perseguidos por um leão, ou talvez um urso, mas depois o urso (ou leão) era seu pai. Acordou com o barulho de alguma coisa raspando em sua janela. Esperou um pouco, talvez ainda estivesse sonhando, mas o barulho continuou; ele se levantou, devagar, e foi até a janela. Talvez fosse algum gato de rua. Não era bem isso.

— Theo? O que... você tá fazendo aqui?

— Eu precisava saber como você tá — Theo respondeu; ele empurrou a janela, abrindo-a totalmente e colocou uma das pernas para dentro.

— Você não pode... se o meu pai te vir aqui... — João Pedro olhou na direção da porta, e abaixou a voz. — Você tem que ir.

— Ele foi à minha casa, o seu pai.

— O que?

— Dizer ao meu pai que desse um jeito em mim... e me mantivesse longe de você. — Percebeu que Theo tinha os olhos vermelhos e marejados. — Ele estava um pouco nervoso... Eu tinha que saber como você tá.

— Eu tô bem — João Pedro gaguejou, embora a ardência em suas costas e seus olhos inchados dissessem o contrário. Viu Theo balançar a cabeça.

— Ele te bateu, não foi?

— Eu tô bem.

— Você não... — Theo parou, respirou fundo. — Eu fiquei esperando meu pai me defender, sabe? — Theo fungou. — Mas ele se desculpou, ele pediu desculpas por eu ter “causado problemas”. — Theo colocou a outra perna para o lado de dentro e ficou se balançando no parapeito. Mesmo apavorado com a hipótese de seu pai encontrá-lo ali, João Pedro não resistiu à necessidade de abraçá-lo. Theo chorou, soluçou, com a cabeça em seu ombro. — A gente tem que ir embora, JP. Não dá pra continuar vivendo assim.

João Pedro continuou o abraçando, murmurando que eles ficariam bem, mas não conseguia prometer que iria embora da cidade com ele. Fugir significaria romper com sua família. Talvez conseguisse dar as costas ao pai; se fosse honesto, a relação que tinha com o pai era muito mais de medo do que de afeto. Mas e a mãe, e sua irmã? Não poderia simplesmente cortar os laços com elas.

— Você tem que ir — disse finalmente, passando a mão no rosto de Theo, secando as lágrimas dele. — Meu pai não pode ver você aqui.

— Você vai ficar bem?

— Vou, prometo. A gente se vê na escola.

Depois disso, a situação apenas piorou. João Pedro chegou a pensar que, depois de castigá-lo, seu pai não voltaria a tocar no assunto, mas foi surpreendido logo na manhã seguinte, quando ele lhe disse que estava proibido de falar com Theo, e se ele insistisse em desobedecer, iria tirá-lo da escola. Faltavam menos de dois meses para o fim do ano, não acreditava que seu pai fosse mudá-lo de escola àquela altura, o problema era que ele o vigiava o tempo inteiro. Tinha que voltar da escola direto para casa, não ficar zanzando pelo caminho; não podia sair à tarde, nem nos fins de semana. Seu pai passou a voltar mais cedo para casa, chegar de surpresa, e se não o encontrasse, ficava muito irritado. João Pedro não temia tanto o fato de que levaria outra surra, seu maior medo era que seu pai pudesse fazer alguma coisa com Theo. Quando o via tão exaltado, não conseguia sequer imaginar do que ele era capaz.

— Vamos fugir, ok? — Theo disse, pela enésima vez. Estavam na biblioteca da escola, um dos poucos lugares onde não havia o risco de o delegado encontrá-los.

— Theo, eu não posso...

— Claro que pode. Você vai fazer dezoito anos. Seu pai não pode mandar na sua vida pra sempre.

— Eu... o exército...

— Foda-se o exército. — Theo bateu com a mão na mesa. — Ok, desculpa. A questão é... Você quer mesmo entrar pro exército? — João Pedro encolheu os ombros. — Então?

— E o que você vai fazer no próximo ano? — Theo deu de ombros.

— Não sei, viajar pela Brasil, conhecer o país. Se você vier comigo, vai ser incrível.

— E a gente vai viver de que?

— A gente pode trabalhar.

— Trabalhar em que, Theo? Você não sabe fazer nada.

— Sei lá, a gente pode trabalhar num circo. Qualquer coisa, JP, qualquer coisa.

— Ok, eu vou pensar.

— Promete?

— Prometo.

Por muitos anos, João Pedro se culparia por ter feito aquela promessa e não a ter cumprido. Os dias foram passando e ele sempre evitava o assunto. Embora a vigilância de seu pai continuasse acirrada, tinham aprendido a contornar os obstáculos. À noite, quando a casa inteira estava em silêncio, todo mundo dormindo, ele deixava a janela encostada e Theo se esgueirava para dentro do seu quarto, de onde ia embora antes de o sol nascer. Depois que terminaram as aulas, esses eram praticamente os únicos momentos que passavam juntos.

Uma noite, uma semana antes do Natal, Theo apareceu em sua janela mais cedo do que o normal. Seus pais ainda estavam acordados, sentados na sala vendo televisão.

— Luizinho e sua irmã estão se agarrando ali na varanda — Theo disse, apontando para a frente da casa.

— Eles não te viram, não é?

— Claro que não. O zé mané tá ocupado demais tentando enfiar a mão debaixo da saia da sua irmã.

João Pedro olhou a hora. Não ia demorar muito para que seu pai acabasse com a alegria de Luizinho.

— O que aconteceu?

— Nada, eu só... queria te ver. Senti saudades.

O coração de João Pedro acelerou quando ele ouviu passos no corredor. Correu para se certificar de que a porta estava trancada e ficou esperando os passos se afastarem. Enquanto isso, Theo tinha pulado para dentro do quarto e ocupado um lado da cama.

— Vem cá — Theo chamou. — Prometo ser o mais silencioso possível — ele acrescentou, com um sorriso charmoso. João Pedro hesitou um instante, mas não havia lugar mais confortável no mundo do que os braços de Theo.

Certamente não foram tão silenciosos quanto deveriam. Havia algo diferente em Theo, uma certa urgência, que João Pedro interpretou como a necessidade, cada dia maior, que tinham de ficar juntos.

Adormeceu com a cabeça no ombro dele, o calor do corpo dele suficiente para aquecê-lo. Quando acordou, Theo não estava mais do seu lado e o sol já estava alto no céu. Levantou-se, arrumou a cama, escovou os dentes e foi até a cozinha para tomar café. Sua família estava toda reunida. Sua irmã sentada à mesa, seu pai encostado na pia, com uma caneca na mão, e sua mãe preparando alguma comida no fogão. Mas parecia haver um clima tenso. Eles pararam de falar quando ele entrou. Talvez fosse a vez de Joana escutar um sermão por causa das aventuras com Luizinho na varanda, pensou, vendo sua irmã de cabeça baixa. Sem dizer nada, foi até o armário pegar uma xícara.

— João Pedro — a voz de seu pai quebrou o silêncio. Por um instante, pensou que elealaria sobre algum barulho estranho que ouvira na noite passada.

— Senta aqui, meu filho — sua mãe o chamou, puxando a cadeira. Ela pegou a xícara dele e serviu café com leite.

— Obrigado, mãe. — Não passou despercebida a troca de olhares entre seus pais. — O que houve?

— Seu pai teve que sair de madrugada pra atender uma ocorrência — Mabel começou e colocou a mão em seu ombro, mas não conseguiu continuar, então seu pai assumiu.

— Encontramos um corpo, pendurado numa árvore na praça. Era o filho do dr. Leandro. O IML levou o corpo, o dr. Leandro fez o reconhecimento. Uma tragédia... um rapaz tão novo... o que a falta de Deus faz com as pessoas...

Seu pai continuou falando, falando, mas João Pedro não estava mais ouvindo. Um corpo. O filho do dr. Leandro. IML. Reconhecimento. Não era verdade, não podia ser. Theo estava com ele poucas horas atrás, dormiram juntos, abraçados, o lado da cama onde ele havia se deitado ainda estava quente, o cheiro dele ainda estava nos lençóis, ele não podia estar... ele não faria isso.

— O senhor deve tá feliz — disse, finalmente, o que fez seu pai parar de falar no meio da frase.

— Não diga uma besteira dessa, garoto.

João Pedro se levantou e empurrou a cadeira, saiu da cozinha sem ouvir mais nada do que seus pais estavam dizendo. Precisava encontrar Theo, tinha que vê-lo,

não podia aceitar que ele estivesse morto. Correu até a casa dele e tocou a campainha. Esperou. Seu pai estava enganado, Theo não faria aquilo, ele não o abandonaria sozinho. Tocou mais uma vez e ainda não teve resposta. Esperou mais um instante e começou a bater na porta, até que ouviu passos se aproximando e o click da fechadura. Dr. Leandro tinha a aparência desolada; os olhos vermelhos, os cabelos desalinhados. Ele balançou a cabeça, enquanto lágrimas rolavam por seu rosto. Quando o abraçou, João Pedro sentiu o peso da dor.



João Pedro ainda sentia um tremor involuntário e não conseguia segurar a mão de Augusto na presença do pai, mesmo que, naquele momento, a “presença” fosse apenas o corpo dele dentro do caixão que os homens desciam para a sepultura. Sentiu a mão de Augusto em seu ombro e agradeceu o apoio; embora nunca tivesse podido apresentá-lo à família pelo que ele realmente era, seu esposo, ele estava ali, ao seu lado, sempre disposto a ajudá-lo. Enquanto via os homens jogando pás de terra sobre o caixão de seu pai, não evitava pensar em como a relação deles havia sido distante. Seus olhos estavam secos, nenhuma lágrima caíra desde que recebera o telefonema de Joana avisando da morte do velho delegado. Várias vezes havia se perguntado se em algum momento havia amado o pai ou se o respeito que sentira por ele era apenas resultado do sentimento de obrigação que o acompanhara durante toda sua vida. Eles nunca haviam sido tão próximos e nos meses que se seguiram à morte de Theo, a distância entre eles aumentou consideravelmente. João Pedro quase não falava em casa, passava a maior parte do tempo sozinho, trancado no quarto, ou saía sem dizer aos pais aonde ia.

Passava horas na casa do dr. Leandro, entre os livros e os discos que Theo tanto amava, conversando com os pais dele; Sandra lhe mostrava fotos e contava histórias de quando ele era pequeno. Tinha visto os cabelos de dr. Leandro ficarem brancos, o humor mais sisudo e a alegria pela chegada do bebê contida pela perda do filho mais velho. Mas compartilhar com a família de Theo aquela perda era, talvez, a única maneira que encontrou de aliviar a dor que sentia.

Passara meses sem rumo, sem ânimo. Enquanto os antigos colegas da escola estavam começando a trabalhar, ou casando-se, ou indo embora da cidade para fazer faculdade, ele sentia-se estagnado. O futuro que seu pai havia planejado, que nunca tinha feito muito sentido, era agora insuportável. Sob pressão, viajara para prestar o concurso que deveria lhe dar acesso ao exército, porém, no dia da prova, já na frente da escola onde faria o exame, ele desistiu, nem sequer entrou no prédio. Em vez disso, foi à praia; sentou-se na areia e sentiu as ondas molhando os pés. Depois, diria ao pai que não havia sido aprovado e lidaria com a decepção e o julgamento dele.

Era frequentemente lembrado do fato de ser um “desocupado” e incentivado a fazer um concurso público, não importava qual. O “incentivo” vindo na forma nada sutil de perguntar se ele pretendia passar o resto da vida comendo e dormindo sob as saias da mãe. Perguntava-se se seu pai havia ficado minimamente feliz quando ele passou no vestibular para medicina ou se ter se tornado “médico de doido” tinha sido só mais uma das muitas decepções que causara.

— João, vamos? — a voz de Augusto o trouxe de volta à realidade. O sepultamento tinha acabado, a vida terrena de seu pai estava encerrada.

— Sim, vamos. É, vai indo, eu vou... — Fez um sinal com a cabeça, na direção do outro lado do cemitério. — Não vou demorar.

Enquanto Augusto ia em direção à saída, João Pedro atravessou para a parte mais antiga do cemitério. Não teve dificuldade, apesar de haver mais túmulos desde

a última vez que estivera ali, sabia o caminho de cor. O túmulo de mármore branco continuava igual, havia flores novas colocadas recentemente; apesar de terem se mudado da cidade há alguns anos, os pais dele ainda deixavam alguém para cuidar e se certificar de sempre haver flores. Durante os primeiros meses após a morte de Theo, vinha ali todos os dias, sentava-se no chão, diante da lápide dele e conversava com ele. Uma parte de si sabia que aquele era apenas o local onde o corpo dele estava, que não havia mais nada do que garoto que ele fora, mas àquela altura, se apegaria a qualquer coisa que fizesse a ausência dele menos insuportável.

Mesmo depois de tantos anos, e tendo estudado as doenças da mente, mesmo depois de ter tratado a própria dor, aquelas perguntas ainda o perturbavam: e se tivesse aceitado ir embora com ele? Se tivesse cumprido a promessa? Se tivesse entendido os sinais? Era a pessoa mais próxima de Theo, que passava mais tempo com ele, que julgava conhecê-lo profundamente, como não percebera? Havia construído sua vida da melhor maneira que conseguira, porém aquela sensação de ter falhado com Theo no momento que ele mais precisava nunca o abandonou por completo.

— Pai, o que você tá fazendo aí? O Augusto tá esperando. — Não tinha ouvido os passos se aproximando e quando percebeu, seu filho estava ao seu lado. O garoto olhou para seus olhos cheio de lágrimas e para o túmulo. — Theodoro Henrique de Vasconcelos Neto. É o filho do vô Leandro?

João Pedro assentiu.

— Sim. O seu nome foi escolhido em homenagem a ele.

— ... em homenagem a ele. — Seu filho falou ao mesmo tempo, depois rolou os olhos. — Eu sei, pai, você já disse isso umas dez mil vezes, pelo menos. — Sorrindo, o garoto o abraçou. — Você ainda sente falta dele?

— Todos os dias. — Sentiu os braços em volta de si apertarem-no mais um pouco e não se preocupou em conter as lágrimas.

— Fala mais sobre ele.

João Pedro falou. Já havia contado várias vezes sobre o melhor amigo que tivera, seu primeiro amor, mas nunca se cansava de repetir, de se lembrar dele como a pessoa que lhe ensinara tanta coisa e compartilhar aquelas lembranças com a pessoa que o ensinava todos os dias.

— Pai, vamos embora, eu tô com fome — Theodoro pediu, depois de alguns minutos. João Pedro tinha perdido um pouco a noção do tempo; tinha parado de falar e se concentrado nos próprios pensamentos; a tarde já estava avançando, o sol quase desaparecendo e uma brisa fria soprava no cemitério.

— Tudo bem, vamos, sim. — Passou o braço em volta dos ombros do filho e os dois foram andando por entre os túmulos.

— A gente pode ir pra casa amanhã? — Sabia que a casa, para Theodoro, era a casa deles em São Paulo.

— Bom, você vai voltar amanhã com o Augusto, eu vou precisar ficar mais uns dias.

— Por quê?

— Pra ajudar sua tia a organizar algumas coisas do nosso pai. — Na verdade, não havia muito o que organizar; o patrimônio não era extenso, apenas a casa onde havia crescido, um sítio que o pai possuía e provavelmente algum dinheiro no banco. Abriria mão de tudo para Joana e os filhos dela, não precisava daquela herança e única coisa que ele queria do pai, nunca pôde obter.

— Mas o velho nem gostava de você, por que você tem que ajudar? — A espontaneidade de Theodoro era um pouco desconcertante, embora já fosse acostumado a ouvi-lo sempre dizer que pensa.

— Você sabe que as vezes a gente que fazer algumas coisas que não são muito agradáveis, não é? Além disso, é mais pela Joana do que por ele.

Aprendera a duras penas que odiar o pai não lhe faria nenhum bem. Esforçara-se o máximo que pôde para ser um bom filho, mas nada fora suficiente porque havia uma parte de si que seu pai sempre se recusara a reconhecer. Tantas vezes havia precisado dele, de conversar, de ser cuidado, aconselhado, amado, mas ele sempre estivera emocionalmente ausente, mesmo quando moravam sob o mesmo teto. Porém, não sentia satisfação por enterrar o pai, não. O alívio em seu peito era devido à certeza de que tinha feito seu melhor. Tinha superado suas dores e traumas, e construído uma vida, sendo honesto consigo mesmo, e principalmente, se esforçava, todos os dias, para ser para o filho, o porto seguro que nunca havia encontrado em seu próprio pai.